Laura Bellini

Perca-me por um instante

Eles não vão impedir um ao outro de seguir em frente. Podem escolher o mesmo caminho.



Perca-me por um instante

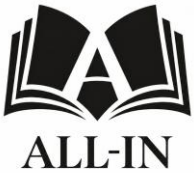
Eles não vão impedir um ao outro de seguir em frente. Podem escolher o mesmo caminho.

Laura Bellini

ROMANS

ISBN: 9788384903216

ALL-IN Rafał Płonkowski



ÍNDICE

INTRO 4
Capítulo 1 - Lugares que não aparecem no mapa 11
Capítulo 2 - Do outro lado do planejamento..... 23
Capítulo 3 - Quando o rio muda de curso 34
Capítulo 4 - A distância entre nós 45
Capítulo 5 - O direito de dizer não 60
Capítulo 6 - O instante que escolhemos 72
Capítulo 7 - O que eu não contei..... 85
Capítulo 8 - As pessoas para quem voltamos..... 96
Capítulo 9 - O preço de um lugar tranquilo 106
Capítulo 10 - Não apenas por um instante 119
Capítulo 11 - Espaço para outra pessoa.....130
Capítulo 12 - O prazo que não pode ser adiado 141
Capítulo 13 - O limite que não vou ultrapassar.....152
Capítulo 14 - Tudo o que podemos perder.....163
Capítulo 15 - Todos os caminhos levam a algum lugar 172
Capítulo 16 - A distância que não pode ser medida 184
Capítulo 17 - O caminho que escolho por mim mesma 194
Capítulo 18 - Você não precisa me seguir..... 205
Capítulo 19 - Lugares para onde podemos voltar 217
Capítulo 20 - O mesmo caminho..... 229

INTRO

Vi Łukasz Modry pela primeira vez justamente quando tentava provar que não precisava da ajuda de ninguém.

Eu estava com a água gelada do rio Krutynia até os joelhos, segurando acima da cabeça uma mochila com um equipamento de medição e amaldiçoando a pessoa que havia marcado aquela pequena enseada no mapa como um lugar de fácil acesso. A água tinha a cor de chá forte, o fundo cedia sob meus pés e, havia pelo menos cinco minutos, minha bota de borracha esquerda tentava começar uma vida independente no lodo. Era o fim de abril, e o ar cheirava a madeira molhada e folhas do ano anterior. Em algum lugar entre os juncos, um pássaro cujo nome eu desconhecia soltou seu canto. Em compensação, eu sabia as coordenadas exatas do lugar onde estava atolada. Uma informação que, naquele momento, se revelou completamente inútil.

— Se der mais um passo para a esquerda, pelo menos vai ter uma história interessante para contar — ouvi uma voz atrás de mim.

Virei a cabeça. Perto de um pequeno píer de madeira, havia um homem de jaqueta verde-escura, com as mangas arregaçadas e uma corda sobre o ombro. Parecia ter pouco mais de trinta anos, cabelos castanho-claros cortados bem curtos nas laterais e o rosto de alguém que passava mais tempo ao ar livre do que diante de um espelho. Não exibia um sorriso aberto. Observava-me com uma curiosidade que considerei irritantemente tranquila.

— Já tenho uma história interessante — respondi. — Nela aparecem um ponto de embarque mal sinalizado e alguém que, em vez de ajudar, prefere fazer comentários.

— Isso não é um ponto de embarque.

— No mapa é.

— É justamente por isso que estou aqui.

Olhei para ele com mais atenção. Não parecia um caminhante que estivesse passando por acaso. Junto ao píer, havia um caiaque comprido e vermelho, com coletes salva-vidas dobrados na proa. O homem deixou a corda de lado, agachou-se e estendeu a mão em minha direção. Não avançou sobre a margem instável, como se soubesse exatamente onde terminava o terreno seguro.

— Posso ajudar você a sair daí. Ou podemos continuar discutindo cartografia por mais algum tempo.

— Sou cartógrafa.

Dessa vez, ele sorriu.

— Isso explica muita coisa.

Eu deveria ter ficado ofendida. Em vez disso, ofereci minha mão livre. Seus dedos envolveram os meus com firmeza, mas ele esperou que eu mesma transferisse o peso do corpo. Mostrou onde eu deveria apoiar o pé e, com um único movimento fluido, ajudou-me a alcançar uma parte mais firme da margem. Assim que recuperei o equilíbrio, soltou minha mão imediatamente. Só então percebi que, durante toda aquela operação absurda, ele não havia desviado os olhos do meu rosto.

— Oliwia Kuna — apresentei-me, ajeitando a alça da mochila. — Estou trabalhando em um novo mapa de pontos tranquilos de parada ao longo da rota.

— Łukasz Modry. Organizo passeios de caiaque.

Eu conhecia aquele sobrenome. Ele aparecia nas correspondências relacionadas ao projeto, sempre acompanhando observações sobre os locais planejados para as paradas. Ainda não tinha conhecido pessoalmente o autor daqueles comentários, mas já havia concluído que se tratava de alguém que discordava da documentação por princípio.

— Então foi você quem devolveu minhas propostas com o comentário "perigoso quando o nível da água está mais alto"?

— Se a sua proposta se refere a este lugar, mantenho o comentário.

Peguei o celular e mostrei a tela. Um ponto verde marcava a enseada que, havia anos, os materiais promocionais da região apresentavam como uma parada conveniente para quem percorria o rio de caiaque. Nosso projeto pretendia organizar essas informações, encontrar lugares menos movimentados e criar um mapa acessível também às pessoas que não queriam disputar um pedaço da margem no auge da temporada. Para mim, isso significava seis semanas de trabalho de campo, dados precisos e a conclusão do contrato dentro do prazo. Para Łukasz, aparentemente, era uma oportunidade de questionar tudo o que eu considerava óbvio.

— A água desgastou esta margem durante as cheias do último outono — explicou, apontando para o juncal. — Em julho, vai parecer linda. Até que uma família com uma criança chegue de caiaque, alguém desembarque primeiro e afunde até o joelho. Exatamente como você.

— Não afundei até o joelho.

Ele olhou para minha calça molhada.

— Claro que não.

Comecei a rir antes que conseguisse me controlar. Havia algo inquietante naquilo. Durante meses, eu me esforçara para não permitir que nenhuma pessoa ou situação me distraísse mais do que meu cronograma autorizava. E aquele homem, em poucos minutos, tinha conseguido arrancar de mim uma risada que eu não planejara dar.

O celular vibrou em minha mão. Na tela apareceu uma notificação de Aneta, a coordenadora da empresa à qual eu me juntaria depois de concluir o projeto.

"Oliwia, por favor, confirme a data em que vai receber as chaves do apartamento. Gdańsk espera por você a partir de junho. Enviarei os documentos na sexta-feira."

Dispensei a notificação antes que Łukasz pudesse ler seu conteúdo por acidente. A mudança já estava decidida. Eu tinha um contrato assinado, as condições de trabalho acertadas e dinheiro guardado para os primeiros meses. Era exatamente por aquilo que vinha lutando havia dois anos: um cargo no qual pudesse desenvolver minhas próprias soluções, em vez de apenas corrigir os erros dos outros. O trabalho no Krutynia seria meu último contrato antes de um novo começo. Não havia espaço nos meus planos para complicações sentimentais.

— Alguma coisa urgente? — perguntou.

— Trabalho.

Ele assentiu, sem tentar espiar a tela por cima do meu ombro. Valorizei aquele gesto mais do que gostaria de admitir.

Seguimos em direção ao píer. As tábuas estavam úmidas, em alguns pontos marcadas por manchas escuras deixadas pela água durante o inverno. Łukasz caminhava ao meu lado, um pouco mais devagar do que antes, como se tivesse ajustado o passo à minha bota, que soltava um ruído lamentável a cada movimento. A superfície do rio refletia o céu opaco e, na outra margem, os pinheiros permaneciam imóveis, ainda envolvidos pelo frio da manhã. Por um instante, esqueci as meias molhadas e o celular. Havia ali algo que eu não conseguia representar em um mapa: um espaço que não exigia nenhuma decisão da minha parte.

— Por que pontos de parada tranquilos? — ele perguntou.

— Porque todo mundo descreve a rota pela quantidade de quilômetros e atrações. Eu me interesso pelos lugares onde podemos parar de ter pressa.

Falei com mais sinceridade do que pretendia. Łukasz apoiou-se em um dos postes do píer e, por alguns instantes, contemplou o rio.

— Interessante. Você também sabe parar de ter pressa?

— Profissionalmente ou na vida pessoal?

— Existe tanta diferença assim?

— Uma diferença enorme.

Ele inclinou a cabeça. Já não havia divertimento em seu olhar, mas uma atenção que não era fácil afastar com uma piada. Senti uma vontade inesperada de lhe contar alguma coisa verdadeira. Que fazia muito tempo que organizava minha vida em uma sucessão de prazos, porque tudo o que não estivesse anotado na agenda parecia incerto. Que queria ir embora e, ao mesmo tempo, tinha medo de continuar sendo, em outro lugar, a mesma mulher que sempre encontrava mais um motivo para não descansar.

Em vez disso, guardei o celular.

— Ainda preciso verificar três locais antes de escurecer.

Łukasz afastou-se do poste.

— Aposto que um deles também só existe no papel.

— Você pretende fazer comentários desse tipo durante todo o meu projeto?

— Se for necessário. Mas, se você permitir, também posso mostrar lugares que ainda não aparecem em mapa nenhum.

Era uma proposta sensata, profissional e perfeitamente compatível com as necessidades do meu trabalho. Eu deveria tê-la interpretado apenas dessa maneira. Mas, quando ele tirou do caiaque uma jaqueta seca de reserva e a entregou sem fazer perguntas desnecessárias, enxerguei algo além do homem que fazia observações sobre a documentação. Alguém capaz de perceber o desconforto de outra pessoa e oferecer ajuda sem lhe tirar a autonomia.

— Devolvo hoje à tarde — falei.

— Não tenho pressa.

Vesti a jaqueta. Ela cheirava a ar frio, madeira e um leve perfume de sabonete, quase imperceptível. Era grande demais para mim, e precisei dobrar as mangas duas vezes. Łukasz observou minha pequena batalha com o tecido e depois desviou o olhar para o rio, permitindo que eu tivesse aquele breve instante sem sua atenção.

Fiquei parada no píer, com a jaqueta de outra pessoa sobre os ombros e meu futuro inteiro guardado dentro do celular. Eu tinha planejado tudo, inclusive o dia em que iria embora. Então por que, ao olhar para aquele homem que conhecia o rio melhor do que qualquer mapa, senti pela

primeira vez vontade de me perder, nem que fosse por um instante?

Capítulo 1 - Lugares que não aparecem no mapa

Na manhã seguinte, às oito horas, eu estava sentada à maior mesa de uma pequena base de caiaques em Ukta, cercada de mapas, impressões e uma caneca de café que já havia esfriado. Do lado de fora da janela, o sol atravessava a névoa sobre o rio, e os primeiros raios iluminavam as tábuas molhadas do píer. Eu tinha seis semanas de trabalho pela frente, quatorze possíveis pontos de parada e uma planilha na qual cada hora tinha uma finalidade definida. Tudo indicava que conseguiria terminar antes do início da temporada.

Desde que Łukasz Modry parasse de riscar minhas localizações.

Sobre a mesa estava a lista de observações dele. Ao lado de sete pontos, havia um breve "não"; ao lado de outros três, "verificar"; e, em um deles, escrevera à mão: "Quem aprovou isso? Essa pessoa já viu um rio alguma vez?".

Olhei para o relógio. Havíamos combinado às oito.

A porta se abriu às oito e sete.

— Você está atrasado — falei, sem cumprimentá-lo.

Łukasz parou na entrada. Usava calça escura, camisa clara com as mangas arregaçadas e a mesma jaqueta verde que me emprestara no dia anterior, à beira do rio. Em uma das mãos, segurava uma sacola de papel; na outra, dois copos.

— Bom dia, Oliwia. Também é um prazer ver você de novo.

— Oito e sete.

— Eu sei. O relógio ao lado da porta funciona.

Ele colocou a sacola sobre a mesa. O cheiro de pão recém-assado me lembrou imediatamente que, naquela manhã, eu só havia tomado café.

— Havia uma fila na padaria. Achei que sete minutos de atraso eram um preço razoável por um café da manhã.

— Não pedi café da manhã.

— Por isso comprei para mim também.

Tirou dois pães doces da sacola e empurrou um na minha direção. Não esperou que eu aceitasse. Sentou-se diante de mim, abriu suas anotações e olhou para o mapa.

Eu não pretendia me deixar conquistar por um pão doce.

— Vamos começar pelo básico — falei. — O projeto tem prazo, orçamento e escopo definidos. Preciso do seu conhecimento de campo, mas não posso trabalhar com a regra de eliminar tudo aquilo de que você não gosta.

Łukasz tirou um lápis da sacola.

— E eu não posso colocar meu nome em um mapa que vai mandar pessoas para lugares onde elas não deveriam desembarcar.

— Ninguém está pedindo que você coloque seu nome no meu mapa.

— Foi exatamente isso que me pediram.

Franzi a testa.

Ele retirou uma cópia impressa de uma mensagem enviada pela coordenadora do projeto. Segundo o texto, um guia local deveria verificar a segurança e a acessibilidade prática dos locais propostos. Somente depois da aprovação

conjunta dos pontos o mapa poderia ser encaminhado para publicação.

Li a mensagem duas vezes.

— Não recebi essa atualização.

— Então vocês já têm o primeiro problema de organização.

— Temos?

— Se vamos trabalhar juntos, prefiro usar o plural.

Não respondi imediatamente. A palavra "juntos" soou estranhamente natural na boca dele. Não havia nela um convite à intimidade, mas uma constatação tranquila. Talvez por isso mesmo tenha me irritado. Havia muito tempo que eu organizava minhas tarefas para não depender das decisões de outras pessoas. Agora descobria que, sem o homem sentado à minha frente, não conseguiria concluir o contrato.

— Tudo bem — falei. — Nesse caso, vamos estabelecer um procedimento.

Łukasz recostou-se na cadeira.

— Parece ameaçador.

— Vamos avaliar os pontos usando os mesmos critérios. Acessibilidade da margem, segurança, possibilidade de descanso, impacto ambiental e distância em relação aos outros pontos de parada. Toda rejeição precisará ser justificada.

— Concordo.

Olhei para ele, surpresa.

— Assim, sem discutir?

— Você achou que eu gostava de brigar?

— Tenho alguns motivos para pensar isso.

— Gosto quando alguém me escuta. É um pouco diferente.

Ele disse aquilo sem sorrir. Havia uma firmeza em sua voz que eu ainda não tinha ouvido. Compreendi que, por trás daquele jeito descontraído, existia um homem acostumado a tomar decisões pelas quais realmente precisava responder.

Abri o mapa, ocupando toda a largura da mesa.

— Certo. Vamos começar pela primeira localização.

Durante os quarenta minutos seguintes, comparamos imagens de satélite, minhas medições e as observações dele. Łukasz não utilizava a terminologia técnica da cartografia, mas sabia identificar detalhes que nenhum modelo de terreno mostrava. Conhecia os pontos onde a água se acumulava depois da chuva, onde o vento empurrava os caiaques para os juncos e quais margens eram danificadas durante o verão por paradas improvisadas.

Eu lhe mostrava por que não podíamos simplesmente marcar qualquer lugar bonito. Explicava a escala, a disponibilidade dos dados e a importância de descrições precisas. No começo, ele me interrompia com perguntas. Depois, passou a escutar com uma atenção que me fazia falar cada vez mais à vontade.

No quinto ponto, inclinou-se sobre o mapa. Seu ombro ficou muito perto do meu. Senti o cheiro de algodão limpo e do ar frio que ele trouxera de fora.

— Aqui — disse, apontando para um pequeno alargamento do rio. — Você marcou uma clareira. Mas não existe acesso pela água.

— Na imagem parece diferente.

— Porque a foto foi tirada quando o nível estava mais baixo.

Ampliei a imagem no tablet.

— Podemos verificar isso.

— Podemos. Só vamos precisar remar um pouco mais adiante.

— Quanto?

— Uns quatro quilômetros.

Consultei meu cronograma.

— Para hoje, programei medições em outros três pontos.

— Eu sei. Vi seu planejamento.

— E?

— E acho que o planejamento está muito bonito.

Suspirei.

— Łukasz.

— Só não leva em consideração que o rio tem vontade própria.

Eu queria responder com alguma provocação igualmente ácida, mas percebi que ele não estava zombando do meu trabalho. Observava o cronograma com curiosidade genuína. Depois de alguns instantes, pegou uma folha e desenhou uma rota alternativa. Não descartou minhas premissas; apenas as combinou com os lugares que conhecia.

— Se começarmos aqui, conseguimos verificar dois pontos no caminho. Podemos fazer uma pausa no terceiro. Depois voltamos antes das cinco da tarde.

Examinei o esboço.

— Isso faz sentido.

— Eu sei.

— Não se acostume com os elogios.

— Tarde demais.

Ele sorriu, e voltei minha atenção para o tablet, fingindo que o nível da bateria me interessava mais do que a pequena ruga que aparecia ao lado de seu olho esquerdo.

Antes das dez, já estávamos na água. Łukasz havia preparado dois caiaques individuais, embora também tivesse sugerido que utilizássemos um para duas pessoas. Escolhi o meu sem hesitar. Precisava de liberdade de movimento e espaço para o equipamento. Acima de tudo, não queria passar várias horas sabendo que qualquer movimento meu seria percebido por alguém sentado atrás de mim.

Ele não comentou minha decisão.

Remávamos tranquilamente. O rio nos conduzia entre árvores cujos galhos se inclinavam sobre a água. Nos trechos protegidos do vento, a superfície parecia vidro escuro. De tempos em tempos, eu parava para tirar uma fotografia ou registrar coordenadas.

Ao chegarmos ao primeiro ponto de parada planejado, Łukasz aproximou seu caiaque.

— Está vendo aquelas raízes?

— Estou.

— No verão, ficam quase invisíveis. O caiaque pode ficar preso nelas, e alguém que desembarque pelo lado errado acaba caindo entre os galhos.

Tirei uma fotografia.

— Podemos marcar como um local apenas para observação, sem desembarque.

— Exatamente.

Olhei para ele.

— Você acabou de concordar com uma proposta minha?

— Anote a data. É um momento histórico.

Durante algum tempo, remamos lado a lado em silêncio. Łukasz movimentava o remo de maneira econômica, quase sem esforço. Não tentava impressionar com a velocidade nem demonstrar que conhecia melhor o rio. Ajustava o ritmo ao meu, mas sem transformar aquilo em um gesto de proteção. Era justamente essa naturalidade que me parecia surpreendentemente agradável.

— Por que escolheu cartografia? — perguntou.

— Porque não gosto de coisas mal explicadas.

Ele riu.

— Acho que essa foi a resposta mais sincera que já ouvi.

— Pelo menos os mapas tentam mostrar onde as coisas estão.

— E se alguma coisa mudar?

— Você atualiza o mapa.

— Parece simples.

— Na teoria, muitas coisas parecem simples.

Ele me observou, mas não insistiu. Fiquei grata por isso. Algumas perguntas precisavam de mais tempo do que alguns quilômetros de rio tranquilo.

Ao meio-dia, desembarcamos em uma pequena clareira que não constava da minha lista. A margem tinha uma

inclinação suave, e entre as árvores havia um espaço natural para descansar. Łukasz desceu primeiro e me indicou uma parte firme do terreno.

— Às vezes paro aqui com os grupos quando alguém precisa de alguns minutos de silêncio — explicou. — Não tem loja, banheiro nem nenhuma atração. Por isso, quase ninguém vem até aqui.

Olhei ao redor. Ao longe, eu ouvia apenas a água e o suave farfalhar dos galhos. O chão estava coberto de agulhas secas de pinheiro, e o ar cheirava a resina.

— É exatamente esse tipo de lugar que estou procurando.

— Eu sei.

Virei-me para ele.

— Como sabe?

— Ontem você disse que se interessava por lugares onde as pessoas podiam parar de ter pressa.

Ele se lembrava.

Não apenas da informação, mas da maneira como eu a havia expressado. Por um momento, não soube o que responder. Então me ajoelhei perto da margem e comecei a fotografar a inclinação do terreno.

Łukasz ficou a alguns passos de distância.

— Só existe uma condição — disse.

Levantei a cabeça.

— Qual?

— Não vamos colocar este lugar em um mapa público até descobrirmos como limitar o número de visitantes. Se vinte caiaques começarem a parar aqui todos os dias, no ano que vem isto já não será um lugar tranquilo.

Endireitei o corpo.

— O projeto existe para servir às pessoas, não para esconder lugares delas.

— E este lugar precisa sobreviver por mais de uma temporada.

Sua voz adquiriu uma firmeza inflexível.

— Você não pode decidir por todo mundo quem tem o direito de vir até aqui.

— Não estou tentando fazer isso. Quero que a gente preveja as consequências.

Durante alguns instantes, ficamos nos olhando sem dizer nada. Eu compreendia o argumento dele, mas não pretendia entregar o controle sobre o conteúdo do mapa. Havia trabalhado durante anos para que minhas decisões profissionais fossem levadas a sério. Não queria permitir agora que alguém considerasse a experiência local motivo suficiente para descartar todo um método de trabalho.

— Vamos fazer uma análise da capacidade de uso — falei, por fim. — Podemos indicar acesso limitado e propor regras para as paradas. Mas não vou eliminar uma localização só porque é bonita.

Łukasz olhou para a clareira.

— Tudo bem. É uma proposta que posso considerar.

— Considerar?

— Nunca prometi que seria fácil trabalhar comigo.

— Isso eu já percebi.

Ele me observou por um instante e depois estendeu a mão.

— Combinado?

Olhei para sua mão. Eu não precisava de outro gesto de alguém me salvando de uma dificuldade. Mas, daquela vez, ele a oferecia como um parceiro em condições de igualdade, propondo uma responsabilidade compartilhada.

Apertei sua mão.

— Combinado. Mas tomaremos decisões com base em dados e observações. Não em intuição.

— Intuição também é observação. Só que, às vezes, mal documentada.

Ele não soltou minha mão imediatamente, mas esperou que eu tomasse a iniciativa. Quando retirei os dedos, afastou-se sem a menor hesitação. Aquilo me deixou com a estranha impressão de que tínhamos acabado de estabelecer algo que não dizia respeito apenas ao mapa.

Voltamos à base antes das cinco da tarde. Eu tinha todas as medições previstas, fotografias novas e três pontos que exigiam análises adicionais. Łukasz me ajudou a levar o equipamento para dentro do prédio e depois começou a lavar os caiaques. O sol descia sobre as árvores, e sua luz revelava tons de cobre na água.

Sentei-me à mesa do lado de fora e abri o computador. Alguns minutos depois, ele apareceu ao meu lado com dois copos de água.

— E agora? — perguntou.

— Vou atualizar os dados. Depois envio um relatório.

— E depois?

— Jantar, banho, dormir.

— Que plano fascinante.

— Eficiente.

Ele se apoiou no corrimão. Ficou algum tempo em silêncio, observando o rio.

— Sabe o que existe de mais estranho em organizar passeios de caiaque? — perguntou.

Balancei a cabeça.

— As pessoas pagam para passar algumas horas sem precisar chegar a lugar nenhum com pressa. E depois passam a primeira hora perguntando quando vamos chegar.

Fechei o computador.

— Talvez precisem de tempo para mudar de ritmo.

— Talvez. Ou talvez não acreditem que seja possível simplesmente seguir o rio.

Olhei para ele. Não havia nenhuma intenção de me dar uma lição em sua voz, mas suas palavras atingiram um lugar em mim que eu preferia não tocar.

O celular sobre a mesa se iluminou com uma mensagem de Aneta. Não a abri. A tela apagou antes que Łukasz pudesse perceber qualquer coisa.

— Amanhã começaremos às oito — anunciei.

— Estarei aqui pontualmente.

— Mesmo?

— Vou tentar chegar até às sete e cinquenta e nove.

Ele se levantou e caminhou em direção ao prédio. Acompanhei-o com os olhos até desaparecer pela porta. Tinha a sensação de que acabávamos de encerrar o primeiro dia de uma colaboração muito mais difícil do que meu cronograma previra.

Mesmo assim, quando atualizei o planejamento da semana seguinte, naquela noite, não escrevi nenhum aviso ao lado do nome dele.

Em vez disso, reservei mais meia hora para conversarmos.

Capítulo 2 - Do outro lado do planejamento

Łukasz chegou no dia seguinte às sete e cinquenta e oito, exibindo ostensivamente o relógio que havia deixado à mostra sob a manga.

— Aqui estou — anunciou, parando na porta. — Cheguei adiantado. Vou receber uma confirmação oficial?

Não levantei os olhos do computador.

— Vou registrar na ata.

— Com assinatura?

— Se você se comportar.

Só então olhei para ele. Estava sorrindo, mas percebi em seus olhos algo que não havia notado no dia anterior: cansaço. Não parecia simplesmente alguém que tinha dormido pouco depois de uma noite comum. Seus ombros estavam ligeiramente tensos, e ele demonstrava a concentração de quem precisara resolver vários problemas alheios antes mesmo de começar a trabalhar.

Colocou sobre a mesa uma garrafa térmica e uma pequena sacola de papel.

— Hoje não tinha fila.

— Você pretende me subornar com comida todos os dias?

— Só até você parar de me olhar como se eu fosse um obstáculo burocrático.

Empurrei o notebook para o lado.

— Isso pode demorar.

— Tenho paciência.

Tirou dois pequenos croissants da sacola. Dessa vez, aceitei um sem protestar. Na noite anterior, havia comido um sanduíche diante de uma planilha de dados, então um café da manhã fresco era uma proposta difícil de recusar.

— Hoje não vamos sair para remar imediatamente — falei. — Primeiro precisamos estabelecer como vamos documentar suas observações.

Łukasz sentou-se e abriu o caderno.

— Estou ouvindo.

— Cada ponto receberá uma avaliação baseada em cinco critérios. Se nossas opiniões forem diferentes, vamos registrar as duas posições. Eu prepararei a recomendação final, mas, sem sua aprovação, nenhum local será classificado como seguro.

Ele analisou a tabela durante alguns instantes.

— E se eu considerar um lugar perigoso, mas você quiser incluí-lo no mapa?

— Podemos identificá-lo como impróprio para desembarque ou como um ponto que exige verificação adicional. Não vamos fingir que o problema não existe.

— Certo.

— E mais uma coisa. Você não pode mudar o planejamento do dia sem combinar comigo.

Ele ergueu os olhos.

— Ontem propus uma alternativa. Você concordou.

— Eu sei. Estou falando de uma regra geral.

— Então minha regra é que, se as condições na água exigirem uma mudança de rota, a decisão cabe à pessoa responsável pela segurança.

— Ou seja, você.

— Sim.

Ficamos em silêncio por alguns instantes. Eu não gostava de abrir mão do controle, mas não podia negar que ele tinha mais experiência em conduzir pessoas pelo rio. Eu era responsável pela precisão dos dados; ele, pelas condições práticas do trabalho de campo. Nenhum de nós deveria fingir possuir as competências do outro.

— Concordo — respondi. — Desde que você explique cada mudança.

Łukasz assentiu.

— E você não vai tratar todos os meus alertas como ataques ao seu projeto.

Olhei para ele.

— Não faço isso.

Ele ergueu as sobrancelhas.

— Oliwia.

Não consegui conter um sorriso.

— Está bem. Vou tentar.

Peguei uma caneta e registrei nossos acordos. Queria que tudo ficasse claro, porque já sabia que passaríamos muito tempo juntos. Não desejava que a colaboração diária se transformasse em uma negociação interminável a respeito de cada decisão.

Łukasz me observou por algum tempo.

— Você sempre anota tudo?